



TRAGÉDIA EM UBATUBA

Empresária que ia no jato está em estado grave

Mireylle Fries teve de ser transferida para São Paulo depois do acidente com o avião que, ao tentar pousar, furou o limite da pista

» FABIO GRECCHI

A empresária Mireylle Fries, de 41 anos, que estava no jatinho que não conseguiu parar, ontem, na pista do Aeroporto de Ubatuba (SP) e mergulhou no mar, foi transferida, ontem, para o Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, em estado grave. Isso porque o Hospital Regional de Caraguatatuba (SP), para onde foi transferida horas depois do acidente, não dispõe dos equipamentos necessários para a assistência necessária.

O marido, o também empresário Bruno Almeida Souza, de 45 anos, e os dois filhos do casal, de quatro e de seis, têm um quadro de saúde considerado estável, segundo informação confirmada pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Os três continuam na unidade de Caraguatatuba.

Os quatro foram atendidos, inicialmente, na Santa Casa de Ubatuba, mas tiveram de ser transferidos para uma unidade hospitalar mais bem equipada devido ao quadro clínico delicado. Pai e filhos não têm previsão de alta.

O quinto ferido no acidente, uma mulher que passava pelo local e quase foi atingida pelo avião descontrolado, apenas torceu o pé ao correr para não ser atingida. Já o piloto da aeronave, Paulo Seghetto, de 55 anos, foi sepultado na tarde de ontem, em Ribeirão Preto (SP).

Retirada

A carcaça do Cessna Citation 525 CJ1, prefixo PR GFS, foi removida da Praia do Cruzeiro na noite de quinta-feira e a Prefeitura de Ubatuba realizou, nas horas seguintes, a limpeza do local. A Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) frisou que “até o momento, não foi constatado dano ambiental significativo”.

“Equipes do Setor de Atendimento a Emergências e da Agência Ambiental de São Sebastião, até o

início da noite de 09/01, prestaram apoio ao Corpo de Bombeiros, à Aeronáutica e à Prefeitura de Ubatuba, no atendimento ao acidente com o avião de pequeno porte que caiu na praia do Cruzeiro. Os técnicos orientaram na colocação de barreiras de contenção e material absorvente em volta da aeronave, para evitar eventual vazamento de óleo e combustível”, observou a Cetesb.

A companhia ambiental orientou a prefeitura para a remoção do solo impactado pelo avião, já que foi contaminado pelo combustível que estava nas asas da aeronave — arrancadas no choque com a pista de skate que fica em frente à cabecreira do local de pouso do aeroporto de Ubatuba. Após a conclusão dos trabalhos emergenciais, a Cetesb avaliará as próximas medidas administrativas.

Apesar de o Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa) apenas ter recolhido os primeiros indícios para concluir o que teria causado o acidente, especialistas apontam a possibilidade de que o desastre se deu por causa de um erro de cálculo do piloto. Isso porque, pelas imagens das câmeras de segurança, percebe-se que o jato ainda estava em alta velocidade ao ultrapassar o limite da pista.

Segundo a Rede Voa, concessionária que administra o aeródromo de Ubatuba, o Citation pousou em uma pista operacional com quase 300m de extensão a menos do que o indicado para locais molhados, de acordo com o manual de operação da aeronave. O documento indica que a faixa de pouso deve ter, ao menos, 838m de extensão quando o local não está seco. A parte operacional da pista utilizada pelo piloto apresenta, contudo, apenas 560m de extensão.

Pelos especialistas, isso indica duas coisas: que o jato tocou o solo ainda em alta velocidade e, por isso, não teve como frear ou o piloto aterrissou o aparelho além do ponto em que teria condições de frenagem. (Com Agência Estado)

Instagram pessoal



Mireylle foi levada para o Sírio-Libanês, na capital paulista. Os filhos e o marido continuam em Caraguatatuba

Wendell Marques/AFP



Carcaça do avião foi esvaziada antes de ser retirada de dentro do mar

Família de produtores

» ISABELA STANGA

Mireylle Fries é filha de Milton e Maria Fries, produtores rurais que são referência no agronegócio goiano. A família é produtora de soja e grãos e tem várias fazendas pelo estado. Uma delas, com mais de 7 mil hectares, abriga a foz do Rio Araguaia e foi palco de um plano de regeneração ambiental.

“Existia ali uma grande voçoroca chamada chitolina. Junto do Milton, nós desenvolvemos um projeto para restaurar a região e a nascente do rio. Hoje, a voçoroca está totalmente estabilizada e é um exemplo para a recuperação de outras formações”, afirmou Luziano de Carvalho, delegado titular da Delegacia Estadual de Repressão a Crimes Contra o Meio Ambiente (Dema) há 26 anos.

O plano de regeneração desenvolvido pela delegacia e aplicado na propriedade chama-se Nascentes. E o objetivo é a “recuperação de nascentes, lagos naturais/artificiais e matas ciliares degradadas da Bacia do Ribeirão João Leite. Essas áreas são consideradas de preservação permanente pelo Código Florestal Brasileiro (Lei Federal nº 12.651/2012, art. 4º) e pela Lei Florestal Estadual goiana (Lei Estadual nº 18.104/13)”.

Na propriedade dos Fries, existia ainda outra voçoroca, transformada em uma represa. Além disso, foi construído um corredor ecológico para ligar o Parque Nacional das Emas, localizado nos municípios de Mineiros, Chapadão do Céu, e parte de Costa Rica, à nascente do Rio Araguaia.

“A família é muito conscienciosa. Eles investem em tecnologia e qualidade produtiva, bem como na sustentabilidade. São um exemplo”, atestou Luziano.

Fenômeno geológico

A voçoroca (também conhecida como boçoroca ou buracão) é um fenômeno geológico que consiste na formação de grandes buracos de erosão, causados pela chuva e intempéries, em solos nos quais a vegetação é escassa e não mais protege o solo, que fica cascalhento e suscetível de carregamento por enxurradas. A voçoroca pode ser prevenida com o plantio de árvores na beira dos buracos para evitar que o fluxo da água leve terra e sedimentos, que são retidos das raízes.

VIOLÊNCIA

Jovem morre após arma disparar com coronhada

Victoria Manuely dos Santos, de 16 anos, morreu baleada em uma abordagem policial, na madrugada de ontem, em Guaiãnas, na Zona Leste de São Paulo. Ela foi atingida depois que o sargento da Polícia Militar Thiago Guerra, que participava da operação, deu uma coronhada na cabeça do irmão da jovem — o que provocou o disparo. O agente foi preso em flagrante e conduzido ao 50º Distrito Policial, onde o caso foi registrado.

Segundo o delegado Victor Sá-fadi Maricato, depois de ouvir testemunhas e analisar as imagens da câmera corporal do sargento, “há claros e fortes indícios” de que o disparo que matou Victoria teve origem da arma de Thiago.

“A arma do policial foi recolhida e as imagens das câmeras corporais estão sendo analisadas. A PM também instaurou um Inquérito Policial Militar (IPM) para apurar as circunstâncias da ocorrência”, observou a Polícia Militar, em nota.

que cometera, minutos antes, um assalto, e passou pelo grupo que bebia e conversava. Pelo depoimento de Kauê, um dos policiais voltou e começou a questionar ele e Victoria.

Na discussão, ainda segundo o rapaz, o PM agarrou o jovem pela gola da camisa, apontou-lhe a arma no rosto e deu-lhe a coronhada. Nesse momento, a pistola disparou e acertou Victoria no tórax. A jovem Victoria chegou a ser levada para o Hospital Geral de Guaianases, mas não resistiu.

O sargento, por sua vez, negou a versão de Kauê. Conforme disse, ao abordar os dois irmãos, o rapaz estava com as mãos na cintura e deu-lhe um tapa na mão para se esquivar. Nesse momento, a arma disparou.

“A arma do policial foi recolhida e as imagens das câmeras corporais estão sendo analisadas. A PM também instaurou um Inquérito Policial Militar (IPM) para apurar as circunstâncias da ocorrência”, observou a Polícia Militar, em nota.

Reprodução/redes sociais



Victoria foi atingida pela bala que saiu da arma usada para agredir irmão

A Ouvidoria da Polícia de São Paulo solicitou o afastamento dos agentes envolvidos na ocorrência à Corregedoria da Polícia Militar e ao Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP). Também requereu acesso às imagens das câmeras operacionais e de segurança a região onde aconteceu o crime.

“É preciso apuração rigorosa também no que toca ao tempo de socorro da vítima, além da punição exemplar dos culpados

para que não se pague mais com jovens vidas o preço de uma violência que se cristaliza nas tropas policiais de nosso estado”, frisa a nota da Ouvidoria.

Também por meio de nota, a Secretaria da Segurança Pública do Estado (SSP) lamentou a morte da jovem e disse que investiga todas as circunstâncias da ocorrência. “A Polícia Civil busca por imagens e demais elementos que possam esclarecer os fatos”, disse.

No RS, presa mulher que colocou arsênio em bolo

» DANANDRA ROCHA

Deise Moura dos Anjos, de 40 anos, foi presa temporariamente por ser a principal suspeita do envenenamento por arsênio de uma família, em Torres (RS). Segundo o delegado Cléber dos Santos Lima, chefe do Departamento de Polícia do Interior (DPI) da Polícia Civil, ela é a responsável por comprar e colocar o veneno no bolo que foi servido na tarde do Natal passado.

Segundo o delegado, em quatro meses, Deise comprou arsênio quatro vezes. Uma dessas compras foi pouco antes da morte do sogro, Paulo Luiz dos Anjos, cujo corpo foi periciado em setembro de 2024 e no qual constatou-se a presença da substância tóxica. As compras seguintes — feitas pela internet e recebidas pelos Correios — foram antes das mortes de três pessoas em dezembro.

“Posso dizer com certeza: ela pesquisou, comprou,

recebeu e usou veneno para matar as vítimas”, garantiu o delegado, em coletiva sobre a prisão de Deise.

Maida Berenice Flores da Silva, de 58 anos; Neuza Denize Silva dos Anjos, de 65; e Tatiana Denize Silva dos Santos, de 43, não resistiram aos efeitos da intoxicação. Zeli dos Anjos, de 65 e sogra de Deise, teve alta ontem, depois de 18 dias de internação. Outros integrantes da família que consumiram o bolo não apresentaram sintomas graves.

Para o delegado, a razão do envenenamento é considerada fútil. “Temos depoimentos do inquérito que atestam que ela tinha um relacionamento péssimo com a sogra (Zeli), com o sogro (Paulo Luiz) e outros membros da família. Coisas absolutamente banais que não justificariam o cometimento dessa série de crimes. Não temos nenhum indicativo, por enquanto, de alguma vantagem patrimonial. A família não tem grandes posses, são pessoas humildes”, observou o delegado.